

evacuação; e reserva as aspirações para os casos de inercia vesical ou de impotencia a vencer obstaculos physicos, que possam existir no collo.

Foi este o methodo operatorio que segui, e que sempre empregarei nas occasiões que se me offercerem, sem que todavia me esqueça da pratica de Civiale, da qual obtive sempre resultados felizes.

BIBLIOGRAPHIA

A MORPHÊA NO BRAZIL, ESPECIALMENTE NA PROVINCIA DE S. PAULO,
PELO DR. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES. RIO DE JANEIRO 1882

(Continuação da pag. 20)

VII

No capitulo quarto occupa-se o Dr. José Lourenço com a interessante questão de saber—se os aborigenes do Brazil, ou os seus representantes actuaes ainda não mesclados, foram ou são sujeitos á elephantiasse.

Neste assumpto não é o interesse meramente historico o que mais importa para o auctor; o seu fim principal é esclarecer um ponto de etiologia com respeito á influencia do clima na genese e conservação da molestia no Brazil, influencia a que muitos auctores notaveis teem dado demasiada importancia, considerando a elephantiasse como affecção peculiar aos habitantes dos climas quentes ou tropicaes; e se na realidade a acção das variadas condições climatologicas das diversas zonas do Brazil são capazes de dar origem á molestia e desenvolvê-la, os seus habitadores coevos do advento dos europeus a estas regiões, e os seus descendentes de raça pura não deixariam de a manifestar, expostos como andavam e andam, desde seculos, a essa influencia.

Depois de descrever as raças dos indios que habitavam o

Brazil ao tempo do seu descobrimento, os seus caractéres physicos, os seus usos e costumes, os seus exercicios corporaes e o seu regimen alimentario, o auctor, presumindo que em taes condições de vida não era possivel que elles soffressem de elephantiasse, passa á apreciação das provas que o habilitem a responder a estas duas questões :

1.^a Se existiu de facto a elephantiasse entre os indigenas antes do descobrimento do Brazil.

2.^a Se ella se observa entre elles actualmente.

O Dr. José Lourenço responde negativamente a ambas.

Quanto á primeira, a sua negativa basea-se em provas que não datam, certamente, de tempos anteriores ao descobrimento, embora o contrario pareça esperar-se do enunciado d'aquelle quesito; os factos e testemunhos referidos são, com effeito, e nem outros poderia encontrar o auctor, contemporaneos do descobrimento, ou, pelo menos, pouco posteriores a elle e á primeira colonisação.

Essas provas são classificadas—indirectas e directas.

As primeiras consistem na omissão da elephantiasse, como affecção observada nos indigenas, em narrativas e memorias deixadas pelos viajantes, missionarios e historiadores citados (em numero de dez); entretanto que alguns d'elles mencionam as boubas ou pian; que se manifestam na pelle, e não teriam desconhecido a elephantiasse se a tivessem visto.

As segundas constam dos testemunhos que affirmam a não existencia da molestia. São em numero de tres: o do padre Laffittau (1714) cuja observação pessoal é limitada aos selvagens do Canadá, mas que não diz outra cousa senão que elles separavam do meio do povo os boubentos como os judeus faziam aos leprosos; o do padre Claudio d'Abbeville, que affirma não existir a lepra nos selvagens na ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças; o terceiro é o do celebre medico e naturalista hollandez Guilherme Pison (1648).

Quanto ás duas primeiras provas directas, parecem-nos menos valiosas do que as reputa o auctor; com effeito Laffittau

menciona a lepra accidentalmente, e só para comparar o procedimento dos indios com os boubentos com o dos judeus com os leprosos, o que não quer dizer que os indios canadenses a não tivessem, nem que tendo-a entre elles seguissem a pratica adoptada pelos hebreus. Mas, ainda que da referencia que faz aquelle escriptor á lepra se entenda que ella não existisse no Canadá, não se pode concluir que ella não existia na America meridional, nem mesmo na do Norte. Outro tanto se pode dizer do testemunho de Claudio d'Abbeville; porque elle a não viu nos indios do Maranhão, não se segue que ella não existisse no Brazil.

Mas a diminuta consistencia d'estes dous argumentos é compensada pela terceira prova directa, que o auctor com toda a razão qualifica—de mais categorica e auctorizada de todas.

Pison percorreu boa parte da costa do Brazil ao tempo da invasão hollandeza, como medico e naturalista, acompanhando a expedição do principe de Nassau no seculo XVII; e no seu famoso livro—*De Indiæ utriusque re naturali et medica*—declara positivamente ser a esse tempo desconhecida aqui a sarna e a lepra (*Licet enim Lepra et Scabies hic incognitæ*, etc. (1); e em outro logar diz, que a nenhum medico, desde que foi descoberta esta parte da America, foi dado ainda observar entre as affecções cutaneas a sarna, a lepra e a elephantiasis (*Inter vitia cutanea nondum ulli Medicorum ex quo detecta fuit hæc Americæ pars, Scabiem, Lepram, Elephantiasin observasse contigit*, etc. (pag. 45) (2).

Que differença fazia Pison entre lepra e elephantiasis, ou se dava estes nomes como synonymos ou equivalentes, pouco importa ao caso; o que é certo é que desde a descoberta do

(1) Edição de 1658, pag. 19. O texto citado pelo Dr. José Lourenço é diversamente redigido: *Lepra autem et scabies incognitæ sunt*, e refere-se á edição de 1648.

(2) No texto citado pelo Dr. José Lourenço não vem estas palavras—*ulli medicorum ex quo detecta fuit hæc Americæ pars*, que aliás augmentam a importancia do testemunho do celebre medico hollandez.

Brazil até o seu tempo, nem elle nem nenhum outro medico encontrára aquellas molestias nos habitantes do paiz ; e esta affirmativa de tão exacto e grave observador deve ser acceita como argumento decisivo na questão levantada pelo Dr. José Lourenço, principalmente quando tal asserção não foi ainda contestada por nenhum escriptor, nem antes nem depois de Pison.

Conclue, portanto, o Dr. José Lourenço, que a elephantiasse não existia no Brazil ao tempo do descobrimento, nem foi encontrada depois de decorridos alguns annos, (mais de um seculo).

Quanto á segunda questão,—se os nossos indigenas não mesclados são actualmente sujeitos á elephantiasse, o auctor decide-se tambem pela negativa, não obstante reconhecer a escassez de documentos comprobatorios motivada pela falta de estudos sobre esta parte infeliz, quasi proscripta, da nossa população.

Ainda que poucos, os testemunhos apresentados são valiosos e decisivos em affirmar a não existencia da elephantiasse nos nossos indigenas. Sobresae a todos o do Dr. Silva Castro, do Pará, cuja longa experiencia e auctoridade tem immenso peso nesta materia. Notamos que este eminente observador, que affirma categoricamente saber — *com certeza que a morphéa não invade a raça americana aborigene*, menciona uma affecção cutanea, o *purú-purú*, que lavra em quasi todas as tribus, e que não é mais do que uma alteração do pigmento cutaneo ; pode extender-se a todo o corpo, mas principalmente affecta as partes expostas ao ar, luz e calor: são manchas que com o tempo vão passando por gradações de cor desde o cinzento até ao branco, ás quaes o Dr. Castro chama *alphoides*.

Ora, os dermatologistas descrevem uma especie de vitiligem com os nomes de *Vitiligo leuce*, *alphos*, *Leptra alphos*, *Morphéa branca* (B. A. Gomes); e comquanto esta curiosa molestia não seja a elephantiasse verdadeira, é extremamente semelhante, senão identica, ao *purú-purú* dos indigenas do

Pará, que o Dr. Castro descreve summariamente, e julga ser, como a elephantíase, transmissível por herança.

Este observador assegura, portanto, que se os indigenas amazonenses não são com certeza sujeitos á elephantíase, são-n'o entretanto, a uma molestia que elle reputa hereditaria, o *purú-purú*, cuja descripção coincide com as feições clinicas da *Morphéa branca* ou *Vitiligo alphas*.

Este facto milita, ao que nos parece, em favor do que disse-mos em principio d'esta analyse ácerca da impropriedade da denominação de *morphéa* para designar a elephantíase.

Como conclusão de todo este capitulo, o Dr. José Lourenço declara que o mal de S. Lázaro não existiu nunca, nem existe actualmente entre os indios do Brazil de raça estreme.

O capitulo seguinte versa sobre a etiologia; e como, alem da sua maior importancia, occupa mais de um terço do livro, fallaremos d'elle mais de espaço no seguinte numero da *Gazeta*.

(Continúa).

MEDICINA

PERIGO DAS THEORIAS PARASITARIAS

Não fomos nós os ultimos que levantamos a voz contra a applicação da theoria dos microbios á medicina e que assignalamos os graves inconvenientes que na pathologia pode apresentar a introduccão destas doutrinas.

Quando aqui mesmo escrevêmos que estas theorias quasi inteiramente hypotheticas levavam a medicina por mau caminho, attribuindo aos phenomenos morbidos uma simplicidade que na realidade nem de longe possuem, e conduzindo a tractamentos irrationaes e perigosos para os doentes, lançaram-nos a pecha de exagerados, de prevenidos; entretanto não eramos mais que o echo de grande numero de clinicos, e tão verdade é que manifesta reacção surge hoje contra estas tendencias na eschola dos pathologistas francezes.